

Agradecimentos

Agradeço à minha linda Bruna, esposa e amiga ao me incentivar a escrever. À minha irmã Karen, que é chata mais eu a amo. À criadora da capa Alice, que ficou linda. Beijos beijos a vocês.

Capítulo um – Amiga

O sol fraco anunciava o fim do verão. O outono se aproximava. Eu estava sentada na praça, bebendo um cappuccino. Estava esperando minha amiga Elisie.

Mais cinco minutos - pensei - mais cinco minutos, se ela não chegar eu vou embora. Já estava ali há meia hora. Já estava ficando cansada de espera-la. Elisie nunca me deu o bolo. Éramos amigas desde sempre. Estudávamos juntas há anos. Agora estávamos indo para o ultimo ano da escola local de Berna na Suíça.

Minha amiga Elisie era branca de cabelos curtos e repicados pretos, alta, magra, sem duvida nenhuma linda. Já eu sou ruiva, de estatura mediana, cabelos longos, e algumas sardas espalhada pelo corpo, sou muito bonita também.

Eu estava perdida em pensamentos quando minha amiga me chamou.

- Mary?

- Nossa já estava quase indo embora, você demorou muito.

Atualmente Elisie estava me evitando, achei um milagre ela querer ir comprar seu material escolar junto comigo. Nessas férias passamos, praticamente uma semana, juntas, se contar todos os dias. Ela me evitou muito e eu não sabia o por que. Eu queria perguntar, mas não sabia como.

- Então vamos, meu carro esta estacionado aqui perto. - Eu disse.

- Sim, vamos. - Ela disse indiferente.

Seguimos para o carro caladas. Entramos no meu carro e fomos para o shopping. A viagem durou uns dez minutos. Ela não puxou assunto em nenhum momento, nem abriu a boca, apenas ficou me olhando. As aulas iam começar daqui a dois dias, eu já devia ter ido comprar meu material, mas tinha viajado este verão e

havia voltado a mais ou menos três dias. A primeira viagem que faço sem a Elisie em mais de seis anos - pensei. Eu só havia viajado sem ela uma vez na vida e eu voltei em dois dias, eu tinha 10 anos quando aconteceu.

O shopping estava cheio.

- Então... Já esta pensando em qual faculdade você vai o outono que vem? - Perguntei tentando puxar assunto.

- Estou querendo ir pra Oxford. - Ela disse.

Isso doeu um pouco. Pretendíamos viajar no outono que vem e depois ver se conseguíamos ir pra alguma universidade nos estados unidos.

- Oxford e uma universidade legal. - Eu disse sem deixar me abalar.

- É, mas é cara. - Ela disse.

- Eu estou pretendendo ir pra alguma universidade nos estados unidos. - Eu disse.

- Legal.

- Quer dormir lá em casa hoje Elisie? - Perguntei, já sabendo que iria levar uma não como resposta.

- Se não tiver problema. - Ela me surpreendeu com a resposta.

- Claro que não tem. Vamos passar na sua casa na volta, pra você pegar algumas coisas. Tudo bem? - Eu disse sorrindo.

- Tudo bem. Vamos comprar agora. - Ela sorriu, mas seus olhos pareciam tristes.

Compramos todos os materiais escolares e algumas coisinhas a mais. Estávamos indo pra casa dela. A viagem foi silenciosa novamente. Eu não gostava de ficar assim com a Elisie. Fiquei com dor de cabeça. O que era normal, uma vez por dia pelo menos eu tinha dor de cabeça. O pior que depois de tantos exames ninguém sabia o porquê disso.

- Elisie, na volta você pode dirigir? Estou com um pouco de dor de cabeça. - Eu disse.

- Sem problemas. - Ela respondeu.

Ela saiu do carro e entrou em sua casa. Eu fiquei no carro esperando. Sentei-me no banco do passageiro, fechei os olhos e acabei dormindo. Acordei com Elisie me chamando.

- Mary acorda, já chegamos à sua casa. - Ela me sacudiu de leve.

- Desculpe eu acabei dormindo. - Eu disse meio sonolenta.

Sáímos do carro e entramos na minha casa. Minha mãe estava na cozinha.

- Mae, a Elisie vai dormi aqui hoje e vai jantar também. - Eu disse lhe dando um beijo no rosto.

- Oi senhora Benett. - Elisie disse e deu um sorriso pra minha mãe.

- Olá minha querida, como vai sua mãe? - Minha mãe perguntou.

- Vai bem, senhora Benett. Obrigada por perguntar. - Elsie respondeu.

- Vamos pro meu quarto Elsie, você pode deixar suas coisas lá. - Eu peguei sua mão e a levei pro meu quarto.

Sentei na minha cama. Elsie parou na porta e ficou me olhando, seu olhar estava diferente do que eu conhecia. Parecia o olhar que Brad fazia no começo do nosso namoro, um olhar de desejo. Eu senti meu rosto corar. Ela desvio o olhar para o chão. O silencio começou a incomodar, e ficar um tanto constrangedor.

- Então você e o Brad terminaram mesmo? - Ela quebrou o silencio.

- Sim, não estava dando certo, ele era um idiota, só queria tirar minha virgindade. Ainda bem que não cai na dele. - Disse fazendo careta.

- Eu te disse que ele não era bom pra você. - Elisie disse.

- Elisie, quero te perguntar umas coisas, guarda suas coisas no armário e sente aqui, pra nos conversamos. - Eu disse.

Ela guardou as coisas e sentou do meu lado.

- Fale Mary. - Elisie disse meio tensa.

- Olha, eu não sei por onde...

- Meninas o jantar esta na mesa. - Minha mãe gritou no pé da escada.

- Estamos descendo - gritei - depois terminamos essa conversa - Acrescentei para Elisie.

- Tudo bem.

Levantamos e fomos jantar. O jantar foi silencioso, como sempre. Não conversávamos muito na mesa, sempre foi assim. Um dos motivos do meu pai se divorciar da minha mãe. Meu pai havia se separado da minha mãe quando eu tinha dez anos, ele não era um

mau pai, não era um mau marido, só não aguentava a vida rotineira que minha mãe impôs. Ele sempre vinha me visitar, apesar de agora ele estar morando na Itália por causa de seu emprego.

Acabamos de jantar e voltamos para o meu quarto. Fui tomar banho e coloquei minha camisola rosa de renda. Quando sai do banheiro, Elsie me fitava. Eu corei na hora. Sentei na cama, Elsie se apressou para ir tomar banho. Eu deitei e me cobri. Fitei o teto pensando como Elsie havia mudado nesse verão, em que passamos poucos dias juntas. Elsie acabou de tomar banho e saiu com um short e uma blusa regata.

- O que você ia-me dizer mais cedo Mary? - Ela perguntou ao se sentar na cama.

- O que esta havendo Elsie? - Fui direta.

- Nada. - Ela disse confusa.

- A gente não passava um fim de semana afastada uma da outra, você me contava tudo, e esse verão você

me evitou quase não nos vimos. Você nem sequer me ligou, achei um milagre você sair comigo hoje e ainda vir dormir aqui, você mudou comigo. Você não é mais como antes. Ignora-me e quando fala comigo age como se me odiasse, fica indiferente. Não venha me dizer que não houve nada. A gente tinha plana, sonhos e tudo incluía a outra. Agora você me ignora me esnoba não te reconheço mais. - As lágrimas irromperam pelos meus olhos.

Ela se aproximou.

- Me desculpe, mas não posso contar. - Ela segurou minha mão e soltou rápido.

- Como não pode me contar? Somos amigas desde sempre. Não ha nada que não possa me contar. Diga-me Elisabeth o que esta acontecendo. - Exigi.

- Eu não posso...

- Pode sim, eu quero que me diga agora. - Eu estava quase gritando.

- Você quer mesmo saber? - Elisie estava ficando alterada.

- Sim. - Eu disse séria.

- Eu te amo, está contente? Eu estou apaixonada pela minha melhor amiga. - Ela disse.

Eu fiquei em silencio, olhando-a. Estava paralisada, não sabia o que dizer.

- Estou apaixonada por você, já tem um tempo. Por isso eu estava te evitando. Você não sabe como dói ver você e não poder te tocar, não poder te beijar. E eu não queria que você me odiasse. Eu não sabia o que fazer, por isso preferi me afastar. - Ela chorava de soluçar. - Me desculpe não queria te magoar. Esse verão foi o mais difícil da minha vida. Tudo me fazia lembrar você. Eu fiquei trancada dentro de casa o verão inteiro. Eu não sabia o que fazer.

Eu me aproximei dela e a abracei. Ela chorou no meu ombro.

- Me desculpa, não sabia pelo que você estava passando. - Eu a olhei nos olhos.

Ela se aproximou mais, eu senti o cheiro de seu hálito, sua respiração no meu rosto. Meus olhos focaram os lábios grossos de Elisie, eu não conseguia desviar. Eu a beijei. O beijo era doce e lento. Minhas mãos estavam nos cabelos dela. As mãos de Elisie estavam na minha cintura. O beijo começou a ficar mais quente. As mãos de Elisie passeavam pelo meu corpo, minhas mãos arranhavam sua costa. A boca dela foi para o meu pescoço arrepiando-me. As mãos dela estavam por dentro de minha camisola. Eu parei o beijo.

- Elisie para. Não podemos. Não hoje. - Eu disse.

- Tudo bem, eu respeito. Eu te amo. - Ela disse.

A frase fez todo o sentindo pra mim. Será que eu também amava minha amiga? Estava claro que sim.

- Eu também te amo.

Capítulo dois - Descoberta

Ela me deu um selinho e me abraçou. Então fomos dormir. Tive alguns sonhos estranhos durante a noite, e fiquei um pouco agitada. Eu acordei algumas vezes. De manhã quando eu acordei Elisie não estava na cama. Olhei o quarto todo a sua procura, mas ela não estava lá. Lembrei que Elisie tinha o costume de acordar cedo. Levantei devagar, minha cabeça doía. Entrei no banheiro para tomar banho, tudo estava girando, entrei debaixo do chuveiro. Tudo estava ficando escuro, então perdi o equilíbrio e desmaiei.

Não sei quando tempo fiquei desmaiada, quando acordei estava na minha cama. Olhei ao redor para ter certeza que não havia sido um sonho. Escutei algumas vozes no corredor. Havia um homem conversando com a minha mãe.

- Nos vamos leva-la ao hospital - disse o homem -
Ela precisa fazer alguns exames.

- Tudo bem, vou ajuda-la a se vestir, então o senhor
pode leva-la. - Minha mãe disse.

- Um acompanhante pode ir com ela na ambulância.
- O homem falou.

- Tudo bem, eu vou. Vou vesti-la volto em um
segundo. - Minha mãe disse e abriu a porta.

Olhei para ela. Ela sorriu.

- Filha, deixe eu te ajudar a se vestir. Você tem que ir
ao hospital fazer alguns exames. - Minha mãe disse indo
ate minha cama.

- Ok. Cadê Elisie? - Perguntei levantando devagar.

- Esta lá embaixo vai pedi-la para ir embora, quando
formos ao hospital. - Respondeu minha mãe.

- Não, ela vai junto comigo. - Eu disse.

- Filha, não pode. Ela vai ter que ir para casa. -
Minha mãe disse.

- Se ela não for comigo, eu não vou. - Eu disse colocando a calça.

- Tudo bem, ela vai. - Disse minha mãe meio irritada.

Terminei de me arrumar e desci. Minha mãe foi conversar com o enfermeiro que iria me levar para o hospital. Sentei do lado de Elisie no sofá da sala de estar. Elisie sorriu e segurou minha mão. Eu a abracei. Fiquei sorrindo. Quanto tempo eu não ficava assim com a minha amiga. Eu pensei quando que eu teria me apaixonado por Elisie. Na primavera passada eu estava namorando o Brad, Elisie e eu não nos falava muito quando ele estava por perto. Brad e eu namoramos cerca de um mês, mas o idiota estragou tudo quando tentou me levar pra cama. Eu não queria, não estava preparada e ele forçou a barra. Terminei com ele no mesmo dia. Mas eu não havia contado a Elisie, ela havia começado a me evitar. Pensei no quanto o amor que eu sentia por ela nunca havia sido de amiga. Eu estava mentindo pra

mim o tempo todo, eu não vivia sem Elisie, eu ficava triste longe dela. Adorava abraça-la, toca-la, ficar com ela. Eu a amava há muito tempo. Eu faria tudo por ela.

- Mary. - Elisie me chamou me tirando dos meus pensamentos.

- Oi?

- Temos que ir. - Ela disse.

- Ah sim, tudo bem, vamos. - Eu disse.

- Eu te amo. - Disse ela baixinho no meu ouvido.

- Eu te amo muito. - Eu respondi sorrindo.

Os enfermeiros me levaram para a ambulância, Elisie foi comigo. Minha mãe foi logo atrás com o carro. A viagem até o hospital levou cerca de quarenta minutos. Eu estava ficando com dor de cabeça de novo e estava me sentindo fraca. Não era normal eu ficar assim. Sempre tive dor de cabeça, mas nunca me sentira fraca por causa dela.

Chegamos ao hospital. Os enfermeiros me levaram para emergência. Elisie ficou na sala de espera.

Na emergência, havia um homem velho, de cabelos brancos, vestindo um jaleco da mesma cor de seus cabelos. Ele me recebeu com um sorriso educado.

- Então juvenzinha. O que temos aqui? - O homem tinha a voz rouca e grave.

- Pode me chamar de Mary, doutor. - Eu disse.

- Me chame de James. O que houve Mary? - Ele perguntou.

- Eu não sei. Eu senti dor de cabeça normal de sempre e então eu apaguei. - Eu disse.

- Há quanto tempo senti dores de cabeça? - Ele perguntou.

- Há três anos. - Respondi.

- Já fez algum exame?

- Sim, todos não deram em nada. Eles não sabem o que tenho. - Eu disse.

- Vamos fazer uns exames, não fique assustada e procedimento padrão. - Ele disse.

- Tudo bem.

- Filho leve a senhorita Mary, para a ressonância. - Ele disse ao enfermeiro.

Fiz um monte de exames que me ocupou a manhã toda. Nunca tinha visto tantos aparelhos e fios na minha vida. Eu queria sair dali logo, queria ir para casa e ficar lá com a Elisie, planejando nosso primeiro dia de aula. Era o que eu queria. Estava ficando com fome, quando finalmente o doutor me levou a sala dele, minha mãe já estava lá. Sentei-me em frente à mesa dele. Olhei para minha mãe que segurou a minha mão, ela não estava com uma cara muito boa.

- Então doutor descobriu o que eu tenho? - Eu perguntei.

- Mary, eu sinto muito em te dizer, mas você tem um tumor no cérebro. - Ele disse serio.